

ENTREVISTA

Walter Alberto Pécoits

A REVOLTA DOS COLONOS

Após 37 anos, o principal líder da revolta dos Colonos conta que não sentiu medo, que teve sempre grandes amigos e atribui seu sucesso político à participação na luta. Ele acredita que a história não vai perdoar Lupion, que era o governador do Paraná em 57.

Em outubro de 1957 a região Sudoeste do Paraná foi notícia nacional pelo acirramento das lutas entre colonos e os jagunços das companhias de terra que disputavam uma das áreas mais ricas do mundo em terra fértil e pinheirais. Dez de outubro é a data que passou para a história como o dia da tomada de Francisco Beltrão por milhares de colonos que, armados de foices, enxadas, pedaços de pau, espingardas e revólveres, expulsaram as companhias. Um dos principais líderes daquela revolta foi o médico Walter Alberto Pecóits (leia Pequá), gaúcho de Erexim que mudou para Francisco Beltrão em 1952 e até hoje vive aqui, tendo recebido, no último dia 19 de agosto, o título de Cidadão Honorário de Francisco Beltrão.

Médico formado em Porto Alegre, trabalhou alguns anos em Erexim, onde foi vereador. Veio para o Paraná casado com Manoela Pecóits e três filhos: Roberto Flávio, Walter Alberto Pécoits Filho e Rosa Maria. Em Beltrão elegeu-se vereador no ano de 1956, prefeito em 1960 e deputado estadual em 1962, foi cassado e torturado pela Ditadura Militar, em 1964, no governo de José Richa (83/86), exerceu a chefia da Casa Civil e foi Secretário Especial da Reforma Agrária. Outro cargo público que exerceu foi a secretaria municipal de Saúde, na gestão 83/88, de Guiomar Lopes.

Desde o início dos anos 50 havia disputas judiciais sobre boa parte das terras da região, que eram requeridas por três donos: o Governo Federal o Governo do Estado e a Companhia Ltda (Citla). Diante da dificuldade para vender as terras, porque não podia fornecer títulos de propriedade, a Citla subempregou a cobrança dos colonos a outras duas companhias, a Comercial e a Apucarana. Estas companhias queriam cobrar na força, sob ameaça de pistoleiros. Na defesa dos colonos apareceram, entre outros, líderes como Ivo Tomazoni, que era profissional da Rádio Celinauta de Pato Branco, e Walter Pécoits, que era o proprietário da Rádio Colméia (hoje Princesa) de Francisco Beltrão.

Sobre a Revolta dos Colonos e a atuação de Walter Pécoits já foram escritos muitas teses e livros, além de um vídeo de meia hora para a televisão (todos os anos, desde 1987, quando foi produzido, a TV Sudoeste de Pato Branco reprisa dia 10 de Outubro). Até um romance, ainda inédito, de Roberto Gomes – Os Dias do Demônio –, tem Walter Pécoits e Manoela como personagens principais. Pécoits também já concedeu um numero incontável de entrevistas e numa noite deste mês de setembro recebeu a reportagem de Gente Sul para responder novas perguntas, formuladas por pessoas que viveram ou estudaram profundamente o tema. Nesta entrevista Pécoits faz algumas análises mais aprofundadas, sob a maturidade de um homem de 77 anos que ainda recorda todos os episódios com uma riqueza incrível de detalhes.

Silvio Casteli, 72 anos, ainda reside na Linha Velha, próximo à cidade, foi um dos militares de colonos que tomaram a cidade em 10 de outubro de 1957 – Nós sabemos que o senhor correu risco de vida naquele dia. Sabemos também que o senhor era um homem de fibra. Mas não teve algum momento de medo?

Pécoits – Quando se entra numa luta, como nos entramos naquela época, não foi um ponto mais difícil, não foi uma hora mais perigosa, não foi exatamente o dia da revolta. Muito mais perigo nós passamos durante o preparo desse movimento, porque no preparo a nossa luta era um trabalho individual, da pessoa que se movimentava, que viajava pelo interior, que procurava formar liderança, ouvia queixas, participava das conversações, das reuniões, isolado, sozinho, andando mato a dentro de jipe, completamente só, sujeito a ser emboscado e perseguido, ameaçado sempre de morte. Mas não sei. Eu nunca senti medo. Não que eu seja mais corajoso. Nunca me senti um homem corajoso. Eu sou o comum dos homens. Eu achava que a luta merecia o trabalho. O momento era de sacrificar, de lutar contras as companhias de terra que vinham cometendo todos os crimes possíveis e impossíveis, transformando Francisco Beltrão que era uma terra de perigo, de risco, de medo, de terror, da angústia, da lágrima, do choro, da morte, completamente abandonada pelo governo, estadual e federal, pela justiça que participava das companhias de terra, enfim o momento não era lá muito agradável. Talvez mais medo devia sentir o nosso líder que morava no interior. Sozinho numa casa no meio do mato, abandonado, fora de todo e qualquer socorro, longe da vizinhança. Eram poucos os moradores do interior. As distancias do vizinho eram muito grande. Talvez esse tivesse mais direito de sentir medo do que nos que morávamos na cidade, tínhamos vizinhos próximo, éramos protegidos por casas melhores. As vezes, quando saía sozinho para atender um chamado, eu me preocupava um pouco, porque me sentia também abandonado, isolado da vizinhança, mas eu cumpri sempre com o meu dever de médico. De fato era meio preocupante, mas não que eu tivesse um pensamento sequer de voltar atrás, de pensar que nos não devíamos continuar lutando, de que nós devíamos fugir. Então o meu amigo Casteli pode ter certeza de que naquela época eu não sofri um sentimento de medo.

Sebastião Albuquerque de Souza, popular Pureza, morador de Francisco Beltrão desde 1943 - Eu acredito que se não tivesse o Exército aqui, teria morrido muita gente. O senhor concorda comigo?

Pécoits – O Exército, de fato, quando veio pra cá, a nosso pedido, o Governo do Estado e as forças políticas da situação do Estado, do então PSD, usaram de todos os recursos para que o Exército não viesse para cá. Porque eles argumentavam que a presença de uma companhia do Exército em Francisco Beltrão representava, em ultima análise, uma intervenção federal no Estado do Paraná, que era governado pelo grande líder do PSD Moisés Lupion. Eles usaram de todos os recursos, de pressão política, de ameaça, de pedido, junto ao presidente da República, Juscelino Kubitschek, casualmente do mesmo partido, junto ao ministro da Guerra, o Lott, também do mesmo partido, envidaram todos os esforços para que esta companhia do exército não chegasse a Francisco Beltrão. Então é lógico que, quando a companhia aqui chegou e aqui sediou, ela não obedecendo os pedidos do governo de então, e o governo era favorável às companhias de terra, naturalmente o povo sentiu que a companhia do Exército teria vindo para cá para favorecer os posseiros, uma vez que ela era malquista pelas companhias de terra e pelo Governo do Estado. O Exército, durante sua estadia aqui, até a Revolta, não tomou nenhuma decisão na defesa dos agricultores e dos posseiros. A companhia era imparcial. Eclodido o movimento, sendo necessário aglutinar, prender os jagunços de terra e evacuá-los de Francisco Beltrão, naturalmente que se pediu ao Exército que ele fosse o carcereiro da jagunçada da Citla e da Comercial. Eu fui o porta-voz desse pedido. Nós queríamos que os jagunços fossem presos e não desejávamos uma luta armada.

Claro que o posseiro seria vitorioso pelo numero, mas perderia enormemente pelo numero de mortes, porque os posseiros eram mal armados, mal disciplinados e os jagunços eram bem armados e treinados para matar. Então se instituiu junto ao exército

que era o único local onde se podia colocar os jagunços ao abrigo da raiva e do ódio dos posseiros, era a área do quartel que seria respeitada pelos revoltosos de 57, dando-lhes segurança e levando-os no dia seguinte para fora da área de convulsão. E assim se fez. Na manhã seguinte eu assisti a saída deles, nos chamados caminhões QD, do Exército, para levá-los até Clevelândia, com a recomendação de que não voltassem. De fato, eles não voltaram, foram inteligentes. Os jagunços só saíram daqui com vida porque saíram protegidos pelas tropas do Exército. Senão, eles teriam sido assassinados aqui.

Professor Hermógenes Lazier, autor do livro Análise histórica da posse da terra no Sudoeste Paranaense - Durante o levante a Polícia Militar estava de u lado e o Exército de outro. Em algum momento o senhor não sentiu que havia perigo de um choque entre Exército e Polícia Militar?

Pécoits – Naquela ocasião, infelizmente, para a Polícia Militar do Estado do Paraná, jagunço e soldado era a mesma coisa. Ambos batiam, ambos matavam. E ambos perseguiram o colono. O colono tinha um verdadeiro horror de soldado. Mas, se houvesse qualquer problema de uma luta entre Polícia Militar do Paraná e o Exército é impossível de se pensar. Porque a Polícia tinha aqui um destacamento, comandado por um sargento, de seis ou sete pessoas. E o Exército tinha um destacamento, naquele tempo, de mais ou menos 90 pessoas. Era uma companhia reforçada de fronteira. Portanto uma companhia mais armada e mais numerosa, não tinha como haver confronto.

Itamar M. Pereira , repórter do jornal de Beltrão, e da Revista Gente do Sul – Qual foi a influencia do rádio na mobilização de 57?

Pécoits – Eu sempre tenho dito que o rádio é uma das maiores armas que existem no Brasil. Tanto que, quando vim pra cá, com a intenção de fazer vida política, instalei uma emissora de rádio, em 1954, quando me perguntaram por que botei a rádio eu disse olha, eu boto rádio porque é uma arma política, é uma arma de divulgação e de formação e de informação. E rádio é melhor que jornal. Porque o Brasil, surdos e mudos são muito poucos, analfabetos são muitos. A Rádio Colméia de então era um grupo político e, por casualidade, do diretório político do PTB de Francisco Beltrão, que tinha ambição de ser governo durante muito tempo. E só não foi governo estadual porque Souza Naves morreu. Era uma rádio política e nós usávamos a rádio politicamente. A rádio exerceu sempre uma função muito grande nesta luta contra porque pertencia a um grupo de pessoas que era visceralmente contra as companhias de terra. Era o Ricieri Cella, era José Krasniewski, era Chico Vaz, era eu, e por aí a fora. Quando Citla fazia uma festa e soltava foguetes, porque tinha ganho a questão, nós procurávamos dar, no dia seguinte, informações de jornal, de São Paulo, do Rio, de Porto Alegre, de Curitiba, informando que a Citla não tinha ganho.

João José de Matos, 61 anos, vereense desde o início dos anos 50 – O que o senhor sabe do combate do Verê, entre jagunços e posseiros, dia 2 de agosto de 1957, quando morreram dois colonos, Leopoldo Preilliper, o Tigrinho, e Guilherme Oenning?

Pécoits – Realmente, agosto de 57 foi um mês negro para o Sudoeste do Paraná. Já havia uma tendência muito grande para a resistência maiôs às companhias de terra. Ao mesmo tempo, os jagunços das companhias já tinham sido aumentados muito em número, estavam mais armados, tinham melhor transporte e estavam mais preparados para vencer a resistência dos agricultores em fazer os contratos com as companhias de terra. O combate do Verê, do dia 2 de agosto, foi contra os escritórios de companhias de terra,

comandados pelo Alemão, o Tigrinho, um ex-pracinha da FEB. Era admirado e respeitado por seus vizinhos porque achavam que ele era um grande estrategista militar e podia comandar um ataque contra o escritório. Os jagunços vinham cometendo violências sobre violências contra os agricultores e eles resolveram terminar. O Verê já tinha sido teatro do assassinato covarde e violento do Pedrinho Barbeiro, que era o grande líder e o vereador eleito de Pato Branco, pelo PTB, líder nato, lutados contra as companhias de terra. Isso tudo fez com que Verê se preparasse mesmo para um combate maior. Tinha havido um outro combate em Alto Verê, o assassinato de Pedrinho Barbeiro e vários espancamentos por lá. Já tinham estuprado as filhas do balseiro no Rio Chopim, enfim tinha havido vários problemas. Até que resolveram fazer um ataque. E vieram em massa, talvez umas 500 ou 600 pessoas. Só que, quando estavam chegando perto, de dentro do escritório os jagunços abriram fogo com winchester e armas de cano longo e mataram duas pessoas, o primeiro que caiu morto foi o Tigrinho. Os colonos também atiraram no escritório e nunca se soube quantas pessoas tinha dentro do escritório, como nunca se soube quantas morreram, quantas ficaram feridas. O que eu sei é que trouxeram para eu atender no hospital três feridos por armas de fogo, mas todos com ferimentos leves. Pediram para receber curativos, e que não internasse porque queriam levar eles daqui. Não trouxeram nenhum com ferimentos graves e, muito menos, nenhum morto. Contaram depois os agricultores que durante a noite os jagunços retiraram defuntos e tocaram dentro do Rio Chopim, com pedras amarradas e ventre aberto pra não flutuar. Eles tinham grande prática com isso. O combate do Verê não teve resultado satisfatório a não ser mobilizar mais a população contra as companhias de terra. E mais uma coisa: eles não voltaram a abrir escritórios de Verê, não incomodaram mais os posseiros. Este combate do Verê foi o que aumentou mais ainda, junto aos posseiros, a necessidade de um levante geral, sempre com uma idéia fixa, de que nós tínhamos que ter tanta gente na praça que íamos assustar pelo numero e não pelo armamento, que nós nunca iríamos ter tanto armamento como eles tinham. E de fato eles tinham um armamento muito bom e em grande quantidade. E eram exímios atiradores. Depois de 10 de outubro nós apreendemos o armamento deles, tinha mais de 6.000 tiros de arma longa, metralhadoras, fuzis, tudo arma de cano longo. E armas de repetição. Muito pouca munição de arma curta. Mais bala de 38. e o interessante é que estava tudo empacotado, junto com as armas, e os pacotes tinham como destinatário Dr. Walter Alberto Pécoits, Hospital São Vicente de Paula, um nome que ninguém ia abrir por esta estrada afora, é remédio que vai pro Dr. Walter. Eles eram muito vivos e muito espertos.

Setembrino Thomazoni, posseiro de nova Prata do Iguaçu, depois eleito primeiro prefeito (83/88) – O que o senhor lembra dos acontecimentos de 57 para os lados de Salto do Lontra e Nova Prata?

Pécoits – Bem, lá ocorria sempre aquela historia da pressão do jagunço contra o agricultor que estava em casa isolado. Os jagunços iam à casa do agricultor e ameaçavam. Aquela região sempre ofereceu grande resistência. Principalmente pessoas lideradas pelo Setembrino. Acima de tudo o Setembrino era um grande valente. Talvez seja até hoje. Não está sendo testado. Mas quando foi testado e precisava ser valente, ele sempre foi corajoso. Sempre enfrentou. Sempre foi companheiro e um homem leal a nós e um homem de minha inteira confiança. Quando fui candidato a prefeito, em 60, havia uma resistência muito grande a minha eleição, principalmente ao risco da minha vitória. Os partidos contrários ao PTB de então colocaram uma chapa de vereadores pistoleiros. Isto parece que não poderia ter acontecido nunca em Francisco Beltrão. Um dos grandes pistoleiros do sudoeste, mais tarde morto pela Polícia na ponte velha do rio Marrecas, chamado Abitino Silveira, era candidato, a vereador pelo partido contrário do PTB. Dizia o

seguinte: se o Dr. Walter ganha, ele não leva, eu mato antes. Felizmente eu fiz uma votação muito grande, pelo resultado da eleição ficou demonstrada a minha liderança e ele ficou com 28 votos. Quem faz 28 votos não pode matar ninguém. Ele não se elegeu vereador, eu fui prefeito, assumi, estou vivo até hoje, talvez vá morrer até de doença, e ele já morreu pela própria polícia, porque matou um policial pelas costas. Fui eu que fiz o exame cadavérico dele, era prefeito e médico. Então havia muito risco de ser candidato a prefeito. O município era grande, viagens longas. Lá em Nova Prata, na costa do Iguazu, era dois dias pra ir, dois dias pra ficar lá e dois dias pra voltar, posando na casa do agricultor. Pra descer na Barra do Vorá era só de barco, porque não tinha estrada. Se fazia tudo isto. Havia riscos. E o Setembrino foi sempre, espontaneamente, um amigo, um grande amigo, sempre me acompanhou. Eu cansei de dormir no mato na casa de amigos e ele dormia na porta, na janela da rua, pra cuidar de mim. Isto ele fez por ser meu amigo. Ele não era meu empregado, era o amigo que queria me resguardar. Esta gratidão eu devo a Setembrino, e vou morrer devendo, isso eu nunca vou conseguir pagar. Como Setembrino houve mais gente assim. Mas ele foi o rei disto. Foi o que mais fez por mim. Foi um grande amigo. Ele arriscou sua vida por mim, gratuitamente. Eram tempos também em que a gente se sentia seguro, porque tinha tanto amigo do lado da gente que a gente não tinha medo.

Ruy Christovan Wachovicz, historiador e professor aposentado da UFPR, autor de vários livros, entre eles Sudoeste: ocupação e colonização – Sobre o movimento de 57, pra mim ficou um “buraco negro” que é a documentação que foi levada para a Argentina. Um morador de Pato Branco me disse que os posseiros de Santo Antonio do sudoeste faziam ata de suas reuniões e eu não localizei essas atas.

Pécoits – Bom, foi muito comum durante os anos de 57, agricultores mais perseguidos da região de fronteira irem morar para outro lado. E estão morando lá até hoje, não voltaram mais. Houve até publicações, debates no Congresso, que era uma vergonha para o Brasil. Quando aconteceu a Revolta, na região de Santo Antonio, de fato as lideranças tinham mania de fazer ata das reuniões e davam a prova por escrito pros bandidos (risos), num período que era muito perigoso, porque nós não tínhamos feito um trabalho junto à população para contar com sua participação num movimento de revolta contra o poder. Eles tinham a Prefeitura, tinham o Governo do Estado, tinham a justiça, tinham a Polícia, o Governo Federal, e nós tínhamos que ter cautela. Mas eles não agiam assim, faziam reuniões com ata e eu até tenho uma dessas atas aqui comigo (datada de 17.9.57), quanto a essas atas terem sido passadas para o governo da Argentina, isso não houve. A única coisa que houve com o estrangeiro foi essa saída de brasileiros pra morar na Argentina, por falta de segurança aqui. Então não houve esse buraco negro nessa historia. Talvez o Ruy tenha se impressionado com a leitura desse documento, que ele teve acesso, porque está comigo desde outubro de 57. o Ruy escreveu toda a historia da reforma agrária de 57 baseado quase só em informações obtidas aqui com 15 ou 20 pessoas de Francisco Beltrão e da fronteira. Na minha casa, comigo, ele ficou me entrevistando mais ou menos cinco dias. Fez gravação disso tudo e mais tarde ele fez este trabalho, que é um trabalho histórico muito bom, de excelente qualidade. Apesar de que eu continuo achando hoje que o melhor documentário que existe sobre a revolta agrária de 57, suas causas, seus efeitos, é o trabalho da Iria (“1957, A Revolta dos Posseiros”, de Iria Zanoni Gomes), é o mais completo.

Professor Hermógenes Lazier – O senhor acompanhou a comissão do Sudoeste que foi à capital da República, Rio de Janeiro, conversar com os candidatos a presidente –

Marechal Lott e Jânio Quadros – sobre a situação dos posseiros. O que levou o Sudoeste a votar maciçamente em Jânio Quadros?

Pécoits – Aí, pra dar uma informação bem certa, eu não acompanhei a comissão, para mim, não era boa companhia. Tinha mais gente deles que nossa. Eu não fui porque seria talvez o único que participou do lado dos agricultores que faria parte dessa comissão. E não era meu desejo, andar mal acompanhado. Meus contatos com candidatos se resumiram a uma conversa muito séria que eu tive ainda em 58, aqui em Francisco Beltrão, com João Goulart, que era vice-presidente da república, e que veio aqui em setembro, dia do radialista (21). Nós esclarecemos e ele tomou um compromisso de tudo fazer para resolver. E a fórmula nós demos sempre: é desapropriação imediata, total, completa, e a titulação respeitando a posse de cada posseiro, seja ele quem for. Nesta ocasião ele ficou aqui umas três horas, foi num comício em praça pública. Mais tarde ele veio mais uma vez, reconfirmou tudo quando foi candidato a vice-presidente na chapa Jânio Quadros. Nessa primeira viagem ele me convidou para passar uns dias com ele durante as férias, em São Borja, a fim de fazer um relatório mais completo desse problema das terras. Eu fui a São Borja, fui hóspede dele na fazenda, estive lá três dias, fiz o relatório, deixei com ele, conversamos muito, não só sobre os problemas daqui. Mais uma coisa, eu tinha sido contemporâneo de João Goulart na Universidade de Porto Alegre, ele fazendo Direito e eu fazendo Medicina. De maneira que nos tínhamos um relacionamento político anterior a esses fatos.

Itamar Pereira – A Avenida Júlio Assis Cavalheiro recebeu a proposta de mudar de nome, para Avenida 10 de Outubro. Por que o novo nome não foi aceito?

Pécoits – Eu sempre tive intenção de mudar o nome de duas avenidas de Francisco Beltrão, a Júlio Assis e a Luiz Antônio Faedo, que eram as duas vias principais da cidade, assim como hoje, pra mim, continuam sendo. Dependeria da aprovação da Câmara de Vereadores. Dos nove vereadores eu tinha seis. Era meu líder, na Câmara, o Euclides Scalco. E o presidente da câmara, o Antoninho Cantelmo. Eu tinha uma Câmara respeitável. E eu conversei com o presidente e o líder, sobre a oportunidade ou não de mudar os nomes. O Scalco ficou indiferente, até concordaria comigo, tenho certeza. Mas falou primeiro o Antoninho, presidente da Câmara, que discordou. O Antoninho era morador antigo de Francisco Beltrão, foi companheiro de trabalho dos dois, do Júlio e do Faedo. E seria 10 de Outubro mesmo. E Faedo eu nem me lembro mais o nome que seria, se mudasse. Como o Antoninho Cantelmo, presidente da Câmara, companheiro político altamente respeitável, com o qual eu jamais queria ter qualquer problema de constrangimento futuro, discordou, eu silencieei, voltei atrás. Houve de fato a intenção minha, não vou negar. Hoje, talvez pensando com bastante calma, eu dou até razão ao Antoninho, compreendo perfeitamente a sua posição. Se fosse hoje talvez eu pensasse igualzinho ao Antoninho, de não mudar.

Sittilo Voltolini, professor, estudioso do Sudoeste, autor de uma peça de teatro sobre o movimento de 57 – Pedrinho Barbeiro -, atualmente é chefe de gabinete do Cefet de Pato Branco – Qual é o comprometimento de Lupion no episódio do Sudoeste? Raul Vaz, em sua obra “Lupion – a Verdade” inocenta o ex-governador de qualquer culpa. A literatura e a tradição locais condenam-no como, senão o único, o principal responsável por todas as arbitrariedades cometidas. Afinal, Lupion será absolvido ou condenado pela História, pelo que lhe coube nesse transe por que passou o povo sudoestino?

Pécoits – Pelo que aconteceu, pelo que as companhias de terra, a Citla, a Comercial e a Apucarana fizeram aqui, em 57, arbitrariedade, roubo, assalto, assassinado, estupro... não é fantasia, é real, o povo se lembra disso e tem ainda gente que sofreu isto e está vivo aqui em Francisco Beltrão. Eu considero Lupion o grande responsável. Eu acho que o cidadão, pelo fato de morrer, não se inocenta dos pecados cometidos durante a sua vida. E parece que Lupion depois que morreu virou santo. A obra de Raul Vaz é a obra de um amigo. Louvado amigo. Grande amigo de Moisés Lupion, não tenho dúvida nenhuma. Grande auxiliar de Moisés Lupion. Mas eu gostaria de perguntar ao Raul Vaz se lá em 1955, 56, quando houve as atrocidades cometidas pelas companhias de terra no Sudoeste do Paraná, se ele teve a coragem de aconselhar o grande amigo de não cometer as barbaridades que cometeu. Realmente o governador é o responsável pelo que aconteceu no seu Estado, de bom e de ruim. Não se pode esquecer o ruim e se memorizar só o bom. Eu lamento a vida política do Lupion. Teve condições excepcionais de liderança, foi no primeiro governo um bom governo. Interiorizou, até, o governo, naquela época. Era um líder nato. Um homem que nasceu pobre, cresceu pobre, como empresário fez fortuna, trabalhando, louvado por isto. Mas já no fim do seu primeiro governo houve um movimento de terra no Norte do Paraná com o qual, se não pactuou, ele concordou. Movimento que teve um sentido político também, não tenho dúvida nenhuma, mas houve problema de terra. No segundo governo, sucedendo Bento Munhoz da Rocha Neto, o primeiro ato que ele fez foi anular uma portaria feita por Bento que não permitia que o Estado fornecesse cisas para escrituras da Citla. Ora, o Paraná sabia, e a assessoria de Moisés Lupion também sabia, que estas terras eram litigiosas, e terras litigiosas não podem ser vendidas. Era uma terra litigiosa por três poderes: o Estado, a União e as companhias de terra. E o Estado autoriza as companhias de terra a vender e a fornecer o legítimo título de cisas para poder fazer a venda. Há muito casuísmo de o Estado favorecer uma companhia de terra. Por que não permaneceu com a portaria do Bento, não permitindo a expedição de cisas? Por que liberou? Há interesses secundários aí, sim. Então não se pode perdoar o homem porque morreu. Não se pode perdoar um homem que teve uma velhice talvez um tanto triste, abandonado, abandonado da vida pública, da vida política, processado, perdeu os seus bens. Tudo isso é lamentável. Se morreu mais pobre do que na sua mocidade, tudo é lamentável. Mas mais lamentável é fazer uma região como era o Sudoeste do Paraná, com sua população trabalhadora, com trabalhadores cheios de força, com vontade de produzir, serem perseguidos, suas filhas serem estupradas, suas mulheres perseguidas, isto é muito triste. Isso é muito ruim. O mal cometido naquela época prejudicou o desenvolvimento maior do sudoeste. E ele é responsável por isso. Admiro a coragem do Raul Vaz, admiro. Não deve ser fácil escrever um livro contrariando a história. E a história é recente. A história é desta geração.

Sittilo Voltolini – O sofrimento e o sangue dos inocentes geram forças que traduzem em bem-estar, paz e segurança. Quais foram, para o Sudoeste, as conseqüências positivas de todo o episódio ligado ao levante dos posseiros?

Pécoits – (pausa). Esta é brabo de responder (pausa). Eu acho que, quando houve o movimento, que foi vitorioso até com facilidade, porque não houve luta armada, tinha tantos agricultores q eu assustava pelo volume, isso eu cansei de dizer. Logo depois da vitória, os agricultores viveram um período de grande euforia. Mas depois custou a vir a legalização das terras. Demorou muito. E a Citla continuava anunciando que voltaria. Foi nesse período que houve uma grande destruição. Foi aí o grande prejuízo. Foi aí que o agricultor fez posse, aí que ele passou mesmo a derrubar mato, aí que ele derrubou pinheiro, aí ele quis aproveitar a terra ao máximo, ao menor tempo possível. Daí o prejuízo na produção. Então, sucedeu-se um período de euforia, por outro de apatia e de

indiferença, ficou assim, chocado, digamos. Quando veio o GETSOP, em 63, novamente os agricultores se encheram de alegria, encheram a praça, por conta deles, não tinha showmício, eles eram os artistas. Depois veio esse período longo... longo, de desvalorização da pequena propriedade, os financiamentos completamente desligados da maior produção, feita pelos bancos, onde o agricultor começou a comprar mal, tinha três alqueires de terra e comprava um trator, porque o vendedor de trator influenciava para comprar. Plantava dez quilos de trigo e comprava uma trilhadeira, e por aí adiante. Passou a ser escravo do banco, a pequena propriedade muito mal atendida dentro do programa do governo brasileiro, que é ruim até hoje. E o colono hoje, na grande maioria, é triste. O nosso colono, que formou Beltrão, tem uma velhice ruim. Eu sinto isto pelos velhos, iguais a mim, que eu entendo no hospital. É um velho cansado, é um velho desiludido, é um velho pobre, muito mais pobre do que quando era moço. O empobrecimento trouxe tristeza generalizada no meio agrícola. E eu não sei quando nós vamos ter forças e recursos para voltar atrás e que era o agricultor antes. É o que eu digo: o agricultor de La Bela Violeta, das cantigas que eles tinham, se foi. O agricultor hoje não canta mais. E antes ele trabalhava cantando. Ele é um desiludido. E, infelizmente, tem razão de ser.

Entrevista com o médico WALTER ALBERTO PÉCOITS, líder da Revolta dos Colonos de 1957, à REVISTA GENTE DO SUL, de Outubro de 1994, Francisco Beltrão-PR.)